



**A** exposição “Imaginar Geografias”, projeto sediado e apoiado pelo Maes durante a última semana de outubro, nos coloca para pensar sobre qual o contexto em que os museus se inserem na contemporaneidade.

Um museu que recebe artistas e o público em plena reforma física, com paredes em demolição, na ausência de climatização e com estruturas desveladas, certamente convida a um encontro de memórias, à convivência com o processo artístico e aborda os embates – não só atuais, mas históricos – das duras realidades geopolíticas nas migrações e deslocamentos de vidas de centenas de pessoas. E, nesse sentido, qual a fronteira do museu contemporâneo?

O museu de arte hoje mantém em seu DNA as diversas transformações operadas no campo da arte durante o século XX e, especialmente, as críticas a essa instituição, que nasce como modelo instaurado pelo Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova York, desde a sua inauguração em 1929. Os três artigos de Brian O’Doherty publicados na revista Artforum, em 1976, por exemplo, que posteriormente se tornaram o livro “No interior do cubo branco – a ideologia do espaço da arte”, indicam que apesar da intenção de dar autonomia às obras a partir de um ambiente aparentemente asséptico e livre de contextos sociais e de temporalidade, o chamado cubo branco teria se tornado um ambiente sacralizado e distanciado da realidade do mundo. Também para o norte-americano Douglas Crimp, em “Sobre as ruínas do Museu” (2005), a história da museologia seria formada pelas tentativas de negar a heterogeneidade e a complexidade do museu e da sociedade.

Nos anos 1970 no Brasil, Walter Zanini (referenciando as mostras Jovem Arte Contemporânea, quando diretor do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC USP) e Frederico Morais (Mostra Do Corpo à Terra, 1970, Parque Municipal de Belo Horizonte) implementaram importantes transformações a partir de novas estratégias de exposição, tornando o museu e exposições de arte um laboratório de criação, um espaço de experimentação e de troca

## UM MUSEU DE GRANDES NOVIDADES

### Reforma do Maes busca uma nova relação do espaço com a cidade

entre artistas, curadores e o público.

As críticas ao espaço dos museus e das galerias reverberou na busca por uma reconfiguração, um reposicionamento desses espaços na contemporaneidade, indicando a necessidade de os museus pensarem seus contextos políticos e sociais na relação com os seus públicos, nas relações arte-vida de uma série de ações e práticas artísticas mediante formatos pedagógicos, tais como palestras e conferências.

O contexto macro em que o Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio Del Santo – Maes surge, em dezembro de 1998, abarca uma década de institucionalização e profissionalização do meio, de ampliação do uso das leis de incentivo e de uma busca por novos papéis sociais. Foi nesse mesmo período que outros espaços de Vitória e no Brasil foram também inaugurados, como o Museu Vale (1999), a Casa Porto das Artes Plásticas (2000), a Fundação Iberê Camargo (1995), em Porto Alegre, o MAC Niterói (1996), o Centro Dragão do Mar (1999), em Fortaleza, dentre outros.

O Maes, espaço público, nasce em um momento de herança dos eixos hegemônicos da arte, de grande discussão sobre a função dos museus na contemporaneidade e no esforço de diálogo efetivo com o seu entorno e com a diversidade de público. Desde

então, o Maes tem buscado se alinhar às discussões mais atuais, entendendo a importância do seu papel.

Em 2004, o evento Como Ser Maes?, que contou com os curadores Moacir dos Anjos, Fernando Cocchiarale, Paulo Herkenhoff, dentre outros, discutiu a missão do museu, o calendário de exposições e a sua proposta de atuação, focando em exposições de porte nacional e de arte contemporânea produzida em Vitória, dando origem, ainda, às diretrizes que norteariam as suas ações educativas, com intensa preocupação na inclusão e acessibilidade.

A partir de 2016, o Maes traz como maior objetivo consolidar a sua missão de valorizar, preservar e comunicar o seu acervo em consonância às exposições temporárias, além de ser um espaço de socialização, convivência e discussão sobre arte e cultura contemporâneas, no intuito de aprofundar as suas raízes e de potencializar as suas ações educativas por meio de modelos transversais de educação.

A reforma do Maes atenta não para uma reformulação gratuita do museu, mas para uma busca em criar, de fato, um museu que abrace a cidade na perspectiva das pessoas, e não da instituição.

Entendendo a urgência em garantir

acessibilidade motora ao prédio, a reforma adequará o museu às normas de acessibilidade, com soluções para portadores de necessidades especiais, com banheiros, elevador e sinalização adequada, além de mobiliário específico para a guarda do acervo, hoje com aproximadamente 600 obras, possibilitando, ainda, novas aquisições, sobretudo para a coleção do artista capixaba Dionísio Del Santo, que dá nome ao museu, por ora pouco divulgado e referência importantíssima para a história da arte brasileira.

O atual projeto arquitetônico foi pensado para acentuar a permeabilidade da arquitetura do museu a partir da reabertura das janelas do prédio para a cidade, criando um diálogo com o seu entorno e com Centro de Vitória, considerando parte do projeto de implantação do museu, desenvolvido por Paulo Herkenhoff, em 1995. Essa atitude acompanhará todas as medidas atuais de conservação e pretende criar um ambiente mais convidativo à visitação, oferecendo um espaço mais adaptável a propostas contemporâneas por meio de soluções de expografia com espaços mais dinâmicos. A reforma pretende estabelecer o museu como um programa, relembrando a sua história e a sua missão para com a sociedade, efetivando a sua política cultural por meio da garantia de participação do público em suas discussões.

Falar sobre museus hoje envolve questões complexas e denota diretamente no peso da história. É crucial refletir sobre a importância desses espaços como elementos de ativação e preservação do patrimônio cultural, sobre os distanciamentos e aproximações que esse mesmo patrimônio incide na sociedade e, sobretudo, pensar em museus como espaços de formação e de experiências, o mais democrático possível na perspectiva da inclusão social, cultural e educativa, garantindo um território de produção e compartilhamento de sentidos, um museu que não se encerra em si ou no passado.



**Renan Andrade Silva**  
é diretor do Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio Del Santo – Maes.